

A REVELAÇÃO COMO EVENTO E ESTILO: Dom, linguagem e responsabilidade num diálogo teológico entre Jean-Luc Marion e Christoph Theobald

*REVELATION AS EVENT AND STYLE:
Gift, language, and responsibility in a theological dialogue
between Jean-Luc Marion and Christoph Theobald*

Maurizio Buioni, C.P.

Doutor em Teologia (PUG) e Doutor em Filosofia (UniPG)

mauriziocp@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0002-1832-1366>

Recebido: 4 setembro, 2025 / Aceito: 12 novembro, 2025

DOI: 10.64205/brasiliensis.14.27.2025.226

Publicado sob licença Creative Commons

Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)



Resumo: A Revelação cristã, longe de ser mera transmissão doutrinária, configura-se como evento excedente e dom gratuito que interpela o sujeito crente e a comunidade eclesial. Este artigo propõe um diálogo entre Jean-Luc Marion e Christoph Theobald, duas vozes relevantes da teologia contemporânea, para explorar a Revelação em seus aspectos fenomenológicos, narrativos e eclesiais. Através da análise do conceito de fenômeno saturado, da responsabilidade interpretativa e do cristianismo como estilo de vida, delineia-se uma teologia fundamental capaz de acolher o mistério, narrar o sentido e encarnar o Evangelho. O estudo oferece uma perspectiva renovada sobre a Revelação, em diálogo com os desafios culturais e espirituais do nosso tempo.

Palavras-chave: Cristianismo como estilo de vida. Comunidade eclesial. Desafios culturais e espirituais. Dom gratuito. Evento excedente. Fenômeno saturado. Narrativa teológica. Revelação. Responsabilidade interpretativa. Teologia fundamental.

Abstract: Christian Revelationon, far from being a mere transmission of doctrine, is configured as an excessive event and a gratuitous gift that challenges both the believing subject and the ecclesial community. This article proposes a dialogue between Jean-Luc Marion and Christoph Theobald, two prominent voices in contemporary theology, to explore Revelation in its phenomenological, narrative, and ecclesial dimensions. Through the analysis of the saturated phenomenon, interpretative responsibility, and Christianity as a way of life, a fundamental theology is outlined—one capable of welcoming mystery, narrating meaning, and embodying the Gospel. The study offers a renewed perspective on Revelation, in dialogue with the cultural and spiritual challenges of our time.

Keywords: Christianity as a way of life. Ecclesial community. Cultural and spiritual challenges. Gratuitous gift. Excessive event. Saturated phenomenon. Theological narrative. Revelation. Interpretative responsibility. Fundamental theology.

Premissa metodológica

Este estudo situa-se na interseção entre teologia fundamental e filosofia da religião, adotando uma abordagem comparativa e fenomenológica. A proposta consiste em articular um diálogo entre duas abordagens teológicas — a de Jean-Luc Marion e a de Christoph Theobald — que, embora oriundas de horizontes distintos, convergem na busca por reconfigurar a compreensão da Revelação como evento transformador e como estilo de vida. A metodologia empregada privilegia a análise conceitual e a reconstrução crítica, com atenção ao contexto cultural e pastoral em que ambas as propostas se desenvolvem. O confronto não visa uma síntese sistemática, mas sim fazer emergir tensões fecundas que possam abrir novas trilhas de reflexão teológica.

Introdução

A teologia fundamental, no seu esforço de interrogar as condições de possibilidade da fé cristã, encontra-se hoje diante de um desafio crucial: como pensar a Revelação num contexto cultural marcado pela fragmentação do sentido, pela crise da linguagem religiosa e pela crescente busca de autenticidade espiritual.

Num tempo em que o discurso sobre Deus corre o risco de ser percebido como estranho, abstrato ou ideológico, torna-se urgente repensar o modo como a Revelação é comunicada, interpretada e vivida.

A constituição dogmática *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II representou um ponto de viragem nesta reflexão, superando a concepção proposicional da Revelação e restituindo-lhe o caráter dialógico e pessoal: Deus revela-se não por fórmulas, mas através da história, da Escritura, da Tradição e, sobretudo, na pessoa de Jesus Cristo¹.

Desde então, a teologia tem procurado aprofundar esta intuição, interrogando-se sobre a relação entre Revelação e experiência, entre palavra e silêncio, entre dom e liberdade.

¹ Ver Concílio Vaticano II, “*Dei Verbum*: Constituição dogmática sobre a revelação divina”, 18 de novembro de 1965: n. 2: “Deus invisível, em seu grande amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e convive com eles (cf. Br 3,38), para convidá-los e admiti-los à comunhão consigo”. Ver também: René Latourelle, *La rivelazione cristiana* (Queriniana, 1985), 45-52, onde se analisa a passagem da concepção proposicional para a concepção existencial da revelação. Giuseppe Tanzella-Nitti, org., *La rivelazione e la sua credibilità. Percorso di Teologia Fondamentale* (EDUSC, 2016), 101-110, que aprofunda o caráter histórico-dialógico da revelação. Bento XVI, “*Verbum domini*: Exortação apostólica pós-sinodal sobre a palavra de deus na vida e na missão da igreja”, 30 de setembro de 2010, nn. 6-7, onde se fala da “sinfonia da Palavra” e da centralidade de Cristo como revelação plena do Pai.

É neste horizonte que se inscreve o presente estudo, nascido do desejo de explorar a Revelação não como sistema fechado ou conjunto de verdades a transmitir, mas como evento que interpela, dom que excede, palavra que transforma.

Jean-Luc Marion, por meio da categoria do fenômeno saturado, interpreta a Revelação como uma manifestação que excede radicalmente a capacidade do sujeito de compreendê-la e dominá-la. Nessa perspectiva fenomenológica, a Revelação não se apresenta como objeto a ser apreendido intelectualmente, mas como evento doado que se impõe em sua gratuidade absoluta. O dom, de fato, não é produzido pela consciência intencional, mas se oferece de modo excedente, desarmando o sujeito e colocando-o numa posição de passividade receptiva, onde o acolhimento precede toda compreensão e toda conceitualização².

Marion distingue o fenômeno saturado do fenômeno comum por sua capacidade de sobrecarregar as categorias da intuição e da intencionalidade. A Revelação, enquanto fenômeno saturado, não é simplesmente um dado a ser interpretado, mas um evento que se impõe, que excede toda medida e todo controle. Nesse sentido, o sujeito deixa de ser o centro do ato cognitivo, tornando-se testemunha de uma desproporção que o transcende³. Essa abordagem se insere na trilha da fenomenologia da doação, onde o princípio orientador é: “tanta redução, quanta doação”⁴. Ela sintetiza o princípio segundo o qual a redução fenomenológica não esgota o fenômeno, mas abre espaço para que ele se dê como doação, especialmente quando se trata de fenômenos que excedem as categorias clássicas da intencionalidade — como o amor, a arte, ou a Revelação. No seu significado filosófico, redução é o método fenomenológico que suspende os juízos e coloca entre parênteses o mundo natural para focar na experiência. Doação é o modo como o fenômeno se impõe ao sujeito, não como objeto controlado, mas como evento que se dá por si. Fenômeno saturado é aquele que excede a capacidade de apreensão do sujeito — como a Revelação, que não pode ser reduzida a um simples dado. Nesse contexto, o sujeito não é mais soberano, mas se torna testemunha de uma desproporção. Essa lógica é desenvolvida de forma sistemática por Marion em *Étant donné. Essai d'une phénoménologie de la donation*, onde a doação é pensada como condição

² Jean-Luc Marion, *Le phénomène saturé* (Presses Universitaires de France, 1998), 205–220. Aqui, Marion descreve a estrutura do fenômeno saturado e sua aplicação à revelação como evento que excede a intencionalidade do sujeito.

³ Jean-Luc Marion, *Le Visible et le Révélé* (Cerf, 2005), 13–28. Em particular, no capítulo “O possível e a Revelação”, Marion analisa a relação entre fenomenologia e teologia, propondo uma leitura não metafísica da revelação. Cf. Paolo M. Cattorini, “Marion e i fenomeni saturi”, *Settimana News*, 2 de julho de 2025, <https://www.settimananews.it/cultura/marion-fenomeni-saturi/>.

⁴ Jean-Luc Marion, *Réduction et donation. Recherches sur Husserl, Heidegger et la phénoménologie* (PUF, 1989), 87–95.

originária da aparição, anterior a qualquer intencionalidade ou estrutura fenomenológica⁵.

Na teologia, essa abordagem permite pensar a Revelação divina não como conteúdo a ser interpretado, mas como evento que se impõe, excedendo toda medida humana. Isso tem implicações profundas para a compreensão da fé, da graça e da experiência mística. Este modelo desloca o centro da intencionalidade do sujeito para a potência do evento revelativo. O sujeito deixa de ser o “medidor” do divino e torna-se o lugar onde o divino se manifesta — frequentemente de forma imprevisível e superabundante.

Christoph Theobald, por sua vez, propõe uma teologia narrativa e pastoral, na qual a Revelação se comunica como estilo de vida, como forma eclesial e como responsabilidade interpretativa. Nessa visão, o cristianismo não se reduz a um sistema doutrinal, mas se configura como forma de existência que torna visível o Evangelho na vida cotidiana. A Revelação, portanto, não é apenas palavra a ser ouvida, mas vida a ser partilhada, experiência a ser interpretada e testemunho a ser encarnado: “La révélation ne se présente pas comme un ensemble de contenus à transmettre, mais comme un événement qui engage l’existence tout entière, une parole qui prend corps dans l’histoire partagée des hommes”⁶.

Theobald insiste que a Revelação não é um depósito fechado, mas um processo dinâmico que envolve a comunidade crente em sua capacidade de discernir, narrar e viver o Evangelho. A teologia, nesse contexto, não é apenas reflexão sistemática, mas prática eclesial que se desenvolve no diálogo com a cultura, na liturgia, na missão e no cuidado pastoral. “La révélation ne peut être conçue comme un contenu figé à transmettre, mais comme un processus vivant, porté par une communauté croyante qui discerne, raconte et incarne l’Évangile dans l’histoire”⁷.

O diálogo entre estes dois autores permite articular uma visão da Revelação que mantém unidas transcendência e encarnação, excesso e narração, evento e estilo.

Para desenvolver esta visão, o percurso se estrutura em cinco etapas, cada uma dedicada a um aspecto central da relação entre Revelação, sujeito e comunidade:

- A Revelação como evento e dom
- A linguagem do sagrado e o silêncio de Deus

⁵ Jean-Luc Marion, *Étant donné. Essai d’une phénoménologie de la donation* (PUF, 1997), 235–270.

⁶ Christoph Theobald, *Le christianisme comme style: Une manière de faire de la théologie en postmodernité* (Cerf, 2007), 57.

⁷ Christoph Theobald, *Transmettre un Évangile de liberté* (Bayard, 2007), 112-130 aqui 115. “La théologie fondamentale ne se développe pas en dehors de la vie ecclésiale, mais en son cœur, là où se vivent la liturgie, la mission, le dialogue culturel et le soin pastoral”, 126–127.

- A responsabilidade do sujeito crente
- A mediação eclesial da Revelação
- A Revelação como estilo de vida e testemunho

Por meio deste percurso, pretende-se contribuir para uma teologia fundamental capaz de acolher o mistério, reconhecer a pluralidade das experiências e acompanhar o caminho do crente no tempo presente.

Uma teologia que não se limita a falar de Deus, mas que deixa transparecer o seu dom na vida, na comunidade e no testemunho.

Assim, Marion oferece à teologia fundamental uma chave fenomenológica para acolher o dom como excesso, enquanto Theobald propõe uma gramática existencial para narrar e viver esse dom na comunidade crente. Essa complementaridade permite articular uma Revelação que é ao mesmo tempo transcendência e encarnação, evento e estilo, dom e responsabilidade.

I. A Revelação como evento e dom

1. Excursus histórico sobre a teologia da Revelação

A constituição dogmática *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II (1965) marcou uma virada decisiva na compreensão da Revelação. Ela superou a visão predominantemente proposicional e jurídica da Revelação, restituindo-lhe o caráter de evento dialógico entre Deus e o ser humano. A Revelação é descrita como “Deus que fala aos homens como a amigos”⁸, e realiza-se na história, na Escritura e na Tradição, culminando na pessoa de Jesus Cristo.

Nos anos seguintes, a teologia fundamental aprofundou essa intuição, interrogando-se sobre a relação entre Revelação e experiência, entre palavra e silêncio, entre dom e liberdade. Autores como Karl Rahner, Hans Urs von Balthasar, Yves Congar e Paul Ricoeur contribuíram para uma visão mais dinâmica e relacional da Revelação⁹.

Como indicado anteriormente nas últimas décadas, o debate foi enriquecido pelo aporte da fenomenologia e da hermenêutica. Jean-Luc Marion propôs uma leitura da Revelação como fenômeno saturado, enquanto Christoph Theobald insistiu na Revelação como estilo de vida e

⁸ Concílio Vaticano II, *Dei Verbum*, 2.

⁹ Karl Rahner, *Traité fondamental de la foi. Introduction au concept du christianisme* (Cerf, 1970); Hans Urs von Balthasar, *La gloire et la croix. Les aspects esthétiques de la Révélation. Tome 1: Apparition* (Aubier, 1965); Yves Congar, *Vraie et fausse réforme dans l'Église* (Cerf, 1950); Paul Ricoeur, *La mémoire, l'histoire, l'oubli* (Seuil, 2000).

narração eclesial. Essas perspectivas, embora distintas, convergem na superação de uma teologia da Revelação entendida como sistema fechado, abrindo caminho para uma compreensão mais hospitaleira, encarnada e responsável.

2. Introdução ao tema

No coração do pensamento cristão, a Revelação configura-se não como simples transmissão de conteúdos doutrinários, mas como evento que interpela, transforma e doa. Nessa perspectiva, o diálogo entre Jean-Luc Marion e Christoph Theobald oferece uma chave de leitura fecunda: a Revelação não é apenas aquilo que é dito, mas aquilo que acontece — um evento que excede as categorias do saber e se impõe como dom gratuito.

3. Jean-Luc Marion: o fenômeno saturado e o excesso do dom

Jean-Luc Marion, em sua fenomenologia do dom, propõe uma desconstrução radical da ideia de Revelação como objeto cognoscível. Em *Le phénomène saturé* (1998), ele descreve a Revelação como um “fenômeno que supera a intencionalidade do sujeito”, um evento que se impõe por sua intensidade e não por sua compreensibilidade. O fenômeno religioso, em particular, é “saturado” porque excede as condições normais da manifestação: não pode ser reduzido a objeto, nem possuído pelo sujeito.

Le phénomène saturé ne se donne que dans l'excès, dans une donation qui déborde toute mesure. Il ne se laisse ni prévoir, ni contenir, ni réduire aux catégories de l'intentionnalité. Il surgit comme événement, comme surabondance de sens, comme manifestation qui désarme le sujet et le place dans une posture de réception pure. Cette donation, loin d'être maîtrisable, impose sa présence dans une intensité telle qu'elle excède toute forme, toute proportion, toute économie du visible. Le phénomène saturé ne se montre pas selon les règles de l'objet, mais selon la logique du don : il se donne, il déborde, il interpelle. Et c'est précisément dans cet excès — dans cette disproportion entre le donné et le pouvoir de le recevoir — que se joue la vérité de la révélation.¹⁰

Em *Dieu sans l'être*, Jean-Luc Marion radicaliza ainda mais sua posição teológica e fenomenológica: Deus não é um ente entre os entes, nem pode ser compreendido dentro das categorias da ontologia clássica. Como ele afirma: “Dieu ne peut être pensé comme un étant, mais comme celui qui se donne, hors de toute mesure ontologique”¹¹.

¹⁰ Marion, *Le phénomène saturé*, 210.

¹¹ Jean-Luc Marion, *Dieu sans l'être* (Fayard, 1982), 153

A Revelação, nessa perspectiva, não é a transmissão de conteúdos, mas um evento de doação pura, que excede toda intencionalidade do sujeito. O sujeito não é agente, mas chamado, interpelado em sua passividade, como escreve Marion: “La révélation ne se reçoit que dans la passivité extrême du témoin, qui ne maîtrise rien, mais subit la surabondance du donné”¹². Essa passividade não é sinal de fraqueza, mas a condição fenomenológica para acolher aquilo que se dá de forma saturada: a Revelação como dom que ultrapassa toda medida e todo controle.

4. Christoph Theobald: a Revelação como estilo e narração

Christoph Theobald, por sua vez, propõe uma visão teológica da Revelação que valoriza a dimensão narrativa e relacional. Em *Le christianisme comme style* (2007), ele descreve a Revelação como “evento de comunicação” que se realiza no próprio estilo de vida cristã. Não se trata de um conteúdo a ser transmitido, mas de uma forma de existência que torna visível o Evangelho.

La révélation ne se donne pas comme un savoir, mais comme une histoire à accueillir et à interpréter. Elle ne s'impose pas sous forme de doctrines figées, mais se propose dans le tissu vivant de l'existence croyante. Elle traverse les gestes, les récits, les pratiques communautaires, et demande à être reconnue dans la pluralité des expériences. Le sujet croyant n'est pas seulement récepteur, mais aussi interprète, appelé à traduire cette histoire dans sa propre vie. Ainsi, la révélation devient événement de sens, style de vie, et responsabilité partagée au sein de la communauté ecclésiale.¹³

Para Theobald, a Revelação é sempre mediada: através da Escritura, da comunidade, da liturgia, da experiência vivida do crente. Ela não se impõe, mas se propõe — e exige uma hermenêutica hospitaliera, capaz de acolher o sentido sem encerrá-lo.

5. Confronto crítico: dom e interpretação

Marion insiste na alteridade radical da Revelação: ela se manifesta como excesso, como fenômeno saturado que escapa às categorias da intencionalidade e da compreensão. O sujeito crente, nessa visão, é chamado a receber o dom na passividade, como lugar da manifestação e não como agente do sentido. A linguagem, para Marion, é sempre inadequada:

¹² Marion, *Dieu sans l'être*, 158.

¹³ Theobald, *Le christianisme comme style*, 87.

pode apenas tocar o mistério, funcionar como ícone que remete ao invisível, nunca como instrumento exaustivo.

Theobald, por outro lado, embora reconheça a excedência da Revelação, sublinha sua dimensão narrativa e relacional. A Revelação comunica-se através de um estilo — o cristianismo como forma de vida — e interpela o sujeito em sua responsabilidade interpretativa. O crente não é apenas aquele que recebe, mas também aquele que narra, que traduz o dom em linguagem compartilhada. A linguagem teológica, nessa perspectiva, não é negação do mistério, mas mediação hospitaleira, capaz de acolher o sentido sem encerrá-lo.

Em síntese, Marion privilegia a lógica do dom gratuito e do excesso, enquanto Theobald valoriza a mediação narrativa e a responsabilidade do sujeito. Ambos, no entanto, rejeitam uma concepção da Revelação como sistema fechado ou como simples transmissão doutrinária. A Revelação, para ambos, é evento que interpela, dom que transforma, palavra que excede.

6. Implicações teológicas

Essa visão da Revelação como dom e evento transforma profundamente o horizonte da teologia fundamental, deslocando o foco da transmissão de conteúdos para a experiência viva do mistério. Trata-se de uma concepção que não reduz o ato revelador a proposições doutrinárias, mas o comprehende como encontro, interpelação e graça que se comunica na história.

Epistemologia da fé: A fé deixa de ser mera adesão intelectual a verdades formuladas e passa a ser resposta existencial a um acontecimento que interpela. Crer é entrar em relação com um Deus que se dá, não apenas aceitar ideias sobre Ele. A fé, nesse sentido, é conhecimento por participação, não por posse.

Teologia narrativa: A Revelação não se comunica prioritariamente por conceitos abstratos, mas por histórias, gestos, relações. A Escritura é testemunho de encontros, não tratado sistemático. A teologia, portanto, é chamada a recuperar o valor da narração como forma de pensar e dizer o mistério, tornando-se mais próxima da vida e da experiência.

Eclesiologia: A comunidade crente não é apenas depositária da Revelação, mas lugar onde ela acontece. A Igreja é espaço teológico, sacramento da presença de Deus no mundo, sujeito hermenêutico do dom. É ali que o sentido se torna visível, encarnado, compartilhado.

Num contexto cultural marcado pela suspeita em relação ao religioso — onde dogmas são vistos como imposições e instituições como estruturas de poder — essa concepção da Revelação como dom gratuito e evento

transformador pode devolver à fé cristã sua força originária. Não como sistema fechado, mas como proposta de sentido. Não como imposição, mas como convite. Não como discurso, mas como vida que fala.

II. A linguagem do sagrado e o silêncio de Deus

1. *O problema da linguagem teológica*

A Revelação, enquanto evento que excede, coloca um desafio radical à linguagem. Como falar daquilo que escapa à apreensão conceitual? Como dizer Deus sem reduzi-lo a objeto do discurso? A teologia contemporânea é atravessada por essa tensão: entre o desejo de nomear o sagrado e a consciência do seu silêncio.

Jean-Luc Marion e Christoph Theobald abordam essa questão a partir de perspectivas distintas, mas convergentes: a linguagem teológica não pode ser assertiva, mas deve tornar-se hospitaliera, simbólica, narrativa. Deve aceitar o risco do silêncio, da inadequação, da distância.

2. Marion: o ícone e o silêncio como modos de dizer

Para Marion, a linguagem do sagrado está sempre exposta ao risco do ídolo: quando pretende possuir Deus, representá-lo, encerrá-lo numa forma. Em *Dieu sans l'être*, ele propõe a figura do ícone como alternativa ao ídolo: o ícone não representa, mas remete; não fecha, mas abre; não possui, mas deixa transparecer:

L'icône ne montre rien, elle laisse voir. Elle n'impose pas une image, elle invite à une présence. Ce n'est pas une représentation, mais une transparence — une ouverture vers l'invisible. Là où l'idole capte le regard pour le figer, l'icône le libère pour le transformer. Elle ne prétend pas contenir Dieu, mais elle se retire pour que Dieu puisse se donner. L'icône est silence qui parle, lumière qui ne s'impose pas, mais qui éclaire. Elle n'est pas objet de possession, mais lieu de passage, seuil du mystère. Elle ne montre rien, parce qu'elle ne veut rien réduire ; elle laisse voir, parce qu'elle laisse être.¹⁴

A linguagem teológica, nessa perspectiva, deve tornar-se icônica: deve renunciar à pretensão de dizer tudo e aceitar o silêncio como espaço de

¹⁴ Marion, *Dieu sans l'être*, 168. Jean-Luc Marion, propõe uma crítica radical à representação do divino. Para ele, o ídolo tenta capturar Deus, encerrá-lo numa imagem visível. Já o ícone não mostra — ele deixa ver. Não representa, mas remete; não possui, mas se abre ao mistério. É uma janela para o invisível, uma presença que se oferece sem se impor.

sentido. O silêncio não é ausência, mas excedência: é o lugar onde Deus se doa sem ser dito.

3. Theobald: a linguagem narrativa e a mediação eclesial

Theobald, por sua vez, insiste na dimensão narrativa da linguagem teológica. Em *Le christianisme comme style*, ele mostra como o cristianismo não se transmite por meio de conceitos abstratos, mas através de histórias, gestos, práticas. A linguagem do sagrado é sempre mediada: pela Escritura, pela liturgia, pela comunidade:

Le langage théologique est toujours en quête d'une hospitalité du sens. Il ne s'agit pas d'un discours clos sur lui-même, mais d'une parole ouverte, capable d'accueillir la complexité de l'expérience humaine et la pluralité des contextes. Ce langage ne prétend pas posséder la vérité, mais cherche à la rendre audible, partageable, vivable. Il se construit dans l'écoute, dans le dialogue, dans la médiation ecclésiale, et se laisse transformer par ce qu'il tente de dire. Ainsi, la théologie devient un lieu d'hospitalité : non pas un système de certitudes, mais un espace où le sens peut émerger, circuler et se laisser interpréter.» Le langage théologique est toujours en quête d'une hospitalité du sens.¹⁵

A linguagem, para Theobald, não é negação do mistério, mas espaço de acolhimento. A teologia deve tornar-se uma hermenêutica hospitaleira, capaz de traduzir o dom da revelação em palavras que não o esgotem, mas o tornem acessível.

4. O silêncio como forma de dizer

Ambos os autores reconhecem que a linguagem teológica deve confrontar-se com o silêncio de Deus. Não se trata de um silêncio vazio ou de ausência, mas de um silêncio pleno: o silêncio do excesso, da gratuidade, da transcendência. Esse silêncio não é obstáculo à Revelação, mas condição para que ela se manifeste como dom que excede toda medida. Dizer Deus, nesse horizonte, significa aceitar que não se pode dizê-lo plenamente, que toda linguagem é sempre provisória, simbólica, aproximativa.

Jean-Luc Marion propõe o silêncio como modo privilegiado da Revelação: Deus manifesta-se no não-dito, no intervalo, na interrupção que desarma o sujeito e o coloca em estado de recepção pura. O fenômeno saturado, por definição, excede a capacidade de nomeação e exige uma

¹⁵ Theobald, *Le christianisme comme style*, 112.

linguagem que se reconheça insuficiente. O ícone, para Marion, não representa, mas remete; não possui, mas deixa transparecer. O silêncio, portanto, não é falha da linguagem, mas sua forma mais elevada: é o espaço onde o dom se oferece sem ser capturado, onde o mistério se revela sem se encerrar¹⁶.

Christoph Theobald, por sua vez, vê no silêncio o espaço da responsabilidade interpretativa. A Revelação, ao não se impor como discurso unívoco, convoca o crente a narrar, a traduzir, a tornar visível aquilo que permanece invisível. O silêncio é, nesse sentido, uma abertura hermenêutica: não paralisa o sentido, mas o provoca. A linguagem teológica, para Theobald, deve tornar-se hospitaleira — capaz de acolher o mistério sem pretender dominá-lo, de escutar antes de falar, de discernir antes de definir. O crente é chamado a habitar esse silêncio, a escutá-lo, a deixar-se transformar por ele, tornando-se intérprete e testemunha de uma Palavra que se dá sem se impor¹⁷.

Assim, o silêncio de Deus não é ausência de sentido, mas plenitude que interpela. Ele exige uma teologia que saiba calar para escutar, que reconheça os limites da linguagem e que se abra à possibilidade de dizer menos para acolher mais. Nesse horizonte, a linguagem teológica não é apenas discurso, mas gesto, escuta, estilo — uma forma de deixar o mistério transparecer sem pretender possuí-lo.

5. Implicações para a teologia fundamental

Essa reflexão sobre linguagem e silêncio traz implicações decisivas para a teologia fundamental, ao desafiar seus pressupostos mais profundos:

Critica à idolatria linguística: A linguagem teológica não deve se tornar instrumento de domínio sobre o mistério divino. Pretender nomear, definir ou encerrar Deus em fórmulas é correr o risco de transformar o discurso sagrado em ídolo. A verdadeira teologia reconhece seus limites e se abre à alteridade de Deus, que sempre excede o que se pode dizer.

Valorização da narração: Em vez de sistemas fechados ou abstrações conceituais, a teologia é chamada a assumir a forma do relato — como estilo, como testemunho, como modo de viver. A narração permite que o mistério seja comunicado sem ser reduzido, tornando a experiência de fé acessível, encarnada e compartilhável.

¹⁶ Marion, *Le phénomène saturé*, 205–220; Marion, *Dieu sans l'être*, 165–170; Marion, *Le visible et le révélé*, 13–28.

¹⁷ Theobald, *Le christianisme comme style*, vol. I, 87–112; Theobald, *Transmettre un Évangile de liberté*, 112–130.

Acolhimento do silêncio: O silêncio não é ausência de sentido, mas seu espaço mais fecundo. Na teologia, o silêncio é lugar de escuta, de reverência, de abertura ao indizível. Ele não representa um fracasso da linguagem, mas sua plenitude: quando as palavras se retiram, o mistério pode se manifestar.

III. A responsabilidade do sujeito crente

1. *O sujeito na Revelação: recepção e resposta*

Se a Revelação é evento e dom, ela implica um sujeito que a recebe — mas não passivamente. O crente não é um simples espectador, mas um interlocutor chamado a responder. A Revelação interpela, provoca, exige uma transformação. Nesse sentido, a responsabilidade do sujeito crente torna-se central: não como autonomia, mas como disponibilidade para a relação.

2. Marion: a passividade como abertura

Para Marion, o sujeito crente é definido pela sua passividade receptiva. Em *Le phénomène saturé*, ele descreve o sujeito como “adonné” — aquele que é doado, que recebe o dom sem poder possuí-lo. A Revelação, enquanto fenômeno saturado, excede a capacidade do sujeito de compreendê-la ou dominá-la. O crente é chamado a deixar-se alcançar, a tornar-se lugar da manifestação:

Le sujet ne constitue pas le sens, il est constitué par le sens qui lui est donné. Il ne produit pas la signification à partir de ses propres catégories, mais se trouve traversé, transformé, déplacé par une donation qui le précède et l'excède. Dans la logique du phénomène saturé, le sujet n'est plus maître du sens, mais lieu de sa réception. Il devient passif, non par faiblesse, mais par ouverture radicale à ce qui se donne sans condition. Le sens ne se construit pas, il se reçoit — et c'est dans cette réception que le sujet advient à lui-même, non comme origine, mais comme réponse.¹⁸

A responsabilidade, nessa perspectiva, não é iniciativa, mas disponibilidade. O sujeito é responsável na medida em que se deixa interpelar, na medida em que aceita não ser o centro do sentido.

¹⁸ Marion, *Le phénomène saturé*, 245.

3. Theobald: a responsabilidade interpretativa

Theobald, por sua vez, valoriza a responsabilidade interpretativa do sujeito. Em *Le christianisme comme style*, ele mostra como o crente é chamado a traduzir a Revelação na própria vida, na própria comunidade, no próprio tempo. A Revelação nunca é imediata: exige mediação, discernimento, narração:

La foi est toujours une interprétation, une réponse à une parole qui demande à être traduite. Elle ne consiste pas en une simple adhésion passive à des vérités figées, mais engage le sujet croyant dans un processus vivant de discernement et de compréhension. Cette parole, loin d'être univoque, se donne dans la pluralité des contextes, des cultures, des histoires personnelles. Elle appelle à être accueillie, relue, incarnée dans le tissu concret de l'existence. Ainsi, croire, c'est interpréter : c'est entrer dans une dynamique de sens où la révélation devient chemin, dialogue et responsabilité.¹⁹

O sujeito crente, nessa visão, é responsável porque chamado a tornar visível o dom: através da linguagem, da práxis, do testemunho. A fé não é apenas recepção, mas também elaboração, comunicação, encarnação.

4. O sujeito crente: tensão fecunda e implicações teológicas

O confronto entre Jean-Luc Marion e Christoph Theobald revela uma tensão fecunda entre duas concepções do sujeito. Marion insiste na passividade como condição para acolher o dom: o sujeito é definido pela sua abertura, pela sua disponibilidade em deixar-se alcançar. Theobald, por outro lado, sublinha a responsabilidade ativa do crente: a Revelação interpela o sujeito para que a interprete, a narre, a torne visível na história. Essas duas perspectivas não se excluem, mas se completam. O sujeito crente é chamado a receber e a responder, a deixar-se interpelar e a interpretar. A responsabilidade nasce do encontro: o dom da Revelação gera uma resposta que não é posse, mas testemunho.

Essa visão do sujeito crente tem implicações profundas para a teologia fundamental. No plano antropológico, o sujeito não é definido pela sua autonomia, mas pela relação que o constitui. No plano espiritual, a fé configura-se como escuta, discernimento, resposta. No plano pastoral, a comunidade torna-se o lugar onde o sujeito pode interpretar e viver a Revelação. Num tempo marcado pela fragmentação do sentido e pela crise da identidade, essa concepção do sujeito crente pode oferecer um caminho

¹⁹ Theobald, *Le christianisme comme style*, 134.

de recomposição: não através do poder, mas através da responsabilidade de receber e narrar.

IV. A mediação eclesial da Revelação

1. A Igreja como espaço do dom

Se a Revelação é evento que interpela e dom que transforma, ela não se realiza de forma abstrata ou individualista, mas encarna-se numa história, numa comunidade, num corpo. A Igreja, nessa perspectiva, não é apenas destinatária da Revelação, mas também sua mediação viva. É o lugar onde o dom se torna visível, partilhável, narrável.

Christoph Theobald insiste nesse ponto: o cristianismo não é uma doutrina, mas um estilo — e esse estilo realiza-se na vida eclesial, na liturgia, na práxis comunitária. A Igreja é o lugar onde a Revelação toma forma, comunica-se, interpreta-se:

La révélation ne se donne pas en dehors d'une communauté qui la reçoit et la transmet. Elle ne se manifeste pas dans l'abstraction ou l'isolement, mais dans le tissu vivant d'une Église en acte. C'est au cœur de la liturgie, du partage de la Parole, du discernement communautaire et de la mission que le don de Dieu devient visible et audible. La communauté croyante n'est pas un simple réceptacle, mais un espace de médiation, d'interprétation et de témoignage. Elle accueille la révélation, la relit à la lumière de l'histoire, et la transmet dans une fidélité créative. Ainsi, la révélation devient événement ecclésial, parole incarnée, style de vie partagé.²⁰

2. Marion: a Igreja como lugar da saturação

Também Jean-Luc Marion reconhece o papel da Igreja, embora a partir de uma perspectiva fenomenológica. A Igreja é o lugar onde o fenômeno saturado da Revelação pode ser acolhido, guardado, celebrado. Não como instituição que possui o sentido, mas como espaço que o hospeda. A liturgia, em particular, é para Marion o lugar privilegiado da manifestação do dom, ali o sujeito crente se expõe ao mistério, deixa-se alcançar, torna-se corpo eclesial:

L'Église ne possède pas la révélation, elle en est le lieu de réception et de célébration. Elle ne détient pas le sens comme un bien acquis, mais elle l'accueille dans la liturgie, dans la parole partagée, dans le témoignage des fidèles. La révélation ne s'enferme pas

²⁰ Theobald, *Le christianisme comme style*, 156.

dans une institution, elle se manifeste dans un corps vivant, exposé au mystère et traversé par le don. L’Église devient ainsi espace de visibilité du phénomène saturé, lieu où le sens se donne sans jamais se laisser posséder. C’est dans cette posture d’accueil, de mémoire et de célébration que la communauté ecclésiale participe à la révélation, non comme propriétaire, mais comme témoin.²¹

3. A mediação como responsabilidade comunitária

A mediação eclesial não é simples transmissão, mas responsabilidade interpretativa. A comunidade crente é chamada a discernir, narrar, tornar visível o dom recebido. Nesse sentido, a Igreja é hermenêutica viva da Revelação: não apenas guardiã, mas intérprete, testemunha, tradutora. Ela não detém o sentido como um depósito fechado, mas o acolhe como dom que interpela, o relê à luz da história, e o transmite com fidelidade criativa. A Revelação, ao se dar na forma de evento e estilo, exige da comunidade não apenas conservação, mas atualização — uma escuta contínua do Espírito que fala na pluralidade das experiências e na concretude da vida.

Christoph Theobald sublinha que a Igreja deve ser capaz de hospedar o sentido, acolher a diversidade dos percursos espirituais e oferecer espaços de discernimento comunitário. A Revelação não se impõe como sistema, mas se propõe como mistério que pede interpretação. A comunidade crente, nesse horizonte, torna-se lugar de mediação simbólica e existencial: nela, o Evangelho é narrado, celebrado, vivido. A tarefa eclesial não é reduzir o dom à doutrina, mas permitir que ele se torne linguagem compartilhada, estilo de vida, testemunho encarnado. A Igreja, portanto, é chamada a tornar a Revelação acessível sem esgotá-la, visível sem empobrecê-la, transmissível sem domesticá-la.

4. Tensões, desafios e implicações eclesiológicas

A concepção de mediação eclesial proposta aqui revela tensões constitutivas da vida da Igreja:

Entre instituição e carisma: a Igreja é chamada a proteger o dom recebido sem sufocá-lo em estruturas rígidas. O carisma precisa de forma, mas não pode ser domesticado pela forma.

Entre tradição e novidade: a Revelação é memória viva, mas também abertura ao inédito. A tradição não é repetição, é transmissão criativa, capaz de dialogar com os tempos sem perder sua raiz.

²¹ Marion, *Le phénomène saturé*, 278.

Entre unidade e pluralidade: a comunhão eclesial não se constrói pela uniformidade, mas pela acolhida da diferença. A pluralidade é expressão da catolicidade, não ameaça à unidade.

O desafio é viver uma Igreja que não se fecha na posse do sentido, mas se abre à sua contínua interpretação. Uma Igreja que não impõe, mas acompanha; que não domina, mas serve; que não fala por si, mas deixa o dom falar.

Essa visão transforma a eclesiologia em chave de evento:

A Igreja é acontecimento antes que estrutura: ela se dá como encontro, como graça, como resposta ao chamado de Deus.

A liturgia é lugar teológico da Revelação: não apenas rito, mas espaço onde o mistério se comunica e se torna presença viva.

A comunidade é sujeito hermenêutico do dom: não apenas destinatária, mas intérprete viva da fé, capaz de discernir, acolher e testemunhar o Evangelho no coração da história.

V. A Revelação como estilo de vida e testemunho

1. Da palavra à vivência

A Revelação, entendida como evento e dom, não se esgota no momento da comunicação, mas prolonga-se na vida do crente. Ela não é apenas aquilo que se escuta, mas aquilo que se vive. Nessa perspectiva, Christoph Theobald propõe uma visão do cristianismo como estilo, ou seja, como forma de existência que torna visível o Evangelho no cotidiano.

Le christianisme ne se définit pas par des dogmes, mais par une manière d'habiter le monde. Il ne s'impose pas comme un système doctrinal clos, mais se propose comme une forme d'existence, une manière de vivre, de penser, de rencontrer l'autre. Cette manière d'habiter le monde s'incarne dans des gestes, des récits, des pratiques communautaires, où l'Évangile devient visible et audible. Le style chrétien ne repose pas sur des affirmations abstraites, mais sur une hospitalité du sens, une disponibilité à la parole reçue et partagée. Ainsi, le christianisme devient un chemin, une manière de traverser le réel avec foi, espérance et responsabilité.²²

A Revelação, portanto, não é apenas conteúdo, mas forma: forma de vida, forma de relação, forma de testemunho.

²² Theobald, *Le christianisme comme style*, 45.

2. Marion: o testemunho como resposta ao dom

Também Jean-Luc Marion reconhece que o dom da Revelação exige uma resposta. Se o sujeito é definido pela sua passividade receptiva, essa passividade gera uma responsabilidade: a de testemunhar o dom recebido. O testemunho, para Marion, não é posse do sentido, mas exposição ao mistério. O crente não fala por si, mas deixa transparecer aquilo que o alcançou.

Le témoin ne dit pas le sens, il se laisse traverser par lui. Il ne s’érige pas en maître de la parole, ni en interprète souverain du mystère. Au contraire, il s’expose à une donation qui le dépasse, qui le constitue, qui le traverse. Le témoignage n’est pas possession, mais transparence : il consiste à laisser transparaître ce qui a été reçu, sans le réduire ni le figer. Le témoin ne parle pas à partir de lui-même, mais à partir de ce qui l’a atteint, bouleversé, transformé. Ainsi, le témoignage devient lieu de passage du sens, non son origine.²³

O testemunho é, portanto, forma de vida que deixa transparecer o dom, sem pretender controlá-lo.

3. O estilo cristão como mediação do sentido

Theobald desenvolve ainda mais essa intuição: o cristianismo como estilo é mediação do sentido. Não se trata de uma moral, nem de uma espiritualidade individual, mas de uma forma de vida comunitária que torna visível a Revelação. O estilo cristão é feito de gestos, palavras, silêncios, relações — é uma gramática do viver que traduz o Evangelho no tempo.

Essa perspectiva é ampliada por Theobald em outro texto, onde o cristianismo é pensado como uma forma de vida que se realiza na hospitalidade, no diálogo intercultural e na missão em contextos pós-seculares: “La foi chrétienne ne peut être pensée comme un système clos de doctrines, mais comme une manière d’habiter le monde, une forme de vie marquée par l’hospitalité, le dialogue et la responsabilité dans l’histoire”²⁴.

O testemunho, nessa perspectiva, não é proselitismo, mas hospitalidade: é oferecer um espaço onde o sentido possa ser acolhido, partilhado, interpretado. O crente é chamado a viver a Revelação, não a demonstrá-la.

Embora a proposta de Christoph Theobald sobre o “cristianismo como estilo” seja fecunda e pastoralmente inspiradora, ela exige uma clarificação

²³ Marion, *Le phénomène saturé*, 263.

²⁴ Christoph Theobald, *L’Europe, terre de mission. Vivre et penser la foi dans un espace d’hospitalité messianique* (Cerf, 2019), 28.

teológica: o estilo de vida cristão — marcado pela hospitalidade, pela escuta e pelo testemunho — não constitui, em si mesmo, a Revelação. Trata-se, antes, de uma resposta de fé ao acontecimento revelador, que permanece um dom primeiro, gratuito e pascal. A Revelação é o evento do Cristo crucificado e ressuscitado, que interpela o sujeito e funda a comunidade; não é a prática da Igreja, mas o mistério que a gera e a orienta.

Theobald reconhece essa distinção, mas sua formulação pode prestar-se a mal-entendidos, sobretudo quando o estilo é apresentado como gramática da fé sem explicitar suficientemente sua origem pascal. A teologia fundamental, nesse horizonte, deve preservar a prioridade do *mysterium paschale* e da *confessio fidei*, evitando que o testemunho se torne autossuficiente ou desvinculado da fonte que o sustenta.

4. Implicações éticas e espirituais

A concepção da Revelação como estilo de vida desloca o centro da teologia da abstração para a existência. Revelar não é apenas transmitir verdades, mas encarnar o sentido. Essa visão tem implicações profundas e transformadoras:

Ética cristã: não se trata de um sistema normativo imposto de fora, mas de uma resposta livre e responsável ao dom recebido. A moral cristã nasce do encontro com o amor de Deus e se expressa como gratuidade, justiça e cuidado.

Espiritualidade: não é fuga introspectiva, mas abertura radical ao outro. O caminho espiritual é feito de relação, escuta, hospitalidade. É na alteridade que o mistério se revela e interpela.

Testemunho: não é afirmação de certezas, mas transparência de uma vida tocada pelo Evangelho. O cristão não impõe verdades, mas deixa que sua existência fale — com gestos, escolhas, silêncios e presença.

A vida cristã torna-se, assim, um verdadeiro lugar teológico: espaço onde o sentido se manifesta, se comunica, se torna visível. A Revelação não é apenas aquilo que se crê com palavras, mas aquilo que se vive com o corpo, com o tempo, com os outros. É fé encarnada, que transforma o cotidiano em sacramento.

5. Uma teologia encarnada

Em conclusão, a Revelação como estilo de vida e testemunho convida a teologia a tornar-se encarnada: não apenas reflexão conceitual, mas

discernimento existencial. A teologia fundamental, nessa perspectiva, não pode limitar-se a definir o conteúdo da Revelação, mas deve interrogar-se sobre como ela se traduz na vida concreta dos crentes. Num tempo marcado pela busca de autenticidade, essa visão pode oferecer um caminho de renovação: uma fé que não se impõe, mas se propõe; uma Revelação que não se demonstra, mas se vive; uma teologia que não fala apenas de Deus, mas deixa transparecer o seu dom.

Convém, contudo, evitar um mal-entendido teológico: como já foi dito, o estilo de vida cristão — marcado pela hospitalidade, pela escuta, pelo testemunho e pela entrega — não constitui, em si mesmo, a Revelação. Trata-se, antes, de uma resposta de fé ao acontecimento revelador, que permanece um dom primeiro, gratuito e pascal. A Revelação é o evento do Cristo crucificado e ressuscitado, que interpela o sujeito e funda a comunidade; não é a prática da Igreja, mas o mistério que a gera e a orienta. Embora Christoph Theobald proponha uma teologia narrativa e existencial centrada no “cristianismo como estilo”, ele próprio reconhece que esse estilo decorre do evento revelador e não o substitui. A teologia fundamental, nesse horizonte, deve preservar a prioridade do *mysterium paschale* e da *confessio fidei*, evitando que o testemunho se torne autossuficiente e desvinculado da fonte que o sustenta.

Conclusão

A Revelação, no diálogo entre Jean-Luc Marion e Christoph Theobald, revela-se como evento que excede, dom que interpela, palavra que transforma. Não é simples transmissão de conteúdos, mas manifestação que envolve o sujeito, a comunidade, a linguagem, a vida. Ela não se impõe, mas se propõe; não se possui, mas se acolhe; não se fecha, mas se narra.

Marion convida-nos a reconhecer o excesso do dom, a saturação do fenômeno e o silêncio como espaço de sentido. Theobald incita-nos a viver a Revelação como estilo de vida, como responsabilidade interpretativa e como testemunho encarnado. Ambos rejeitam uma “teologia do controle”, compreendida como uma abordagem que busca dominar, sistematizar ou racionalizar o mistério da Revelação, reduzindo-o a conceitos, definições ou estruturas rígidas. Em contrapartida, propõem caminhos teológicos radicalmente abertos ao dom, à relação e à experiência vivida da fé.

A teologia fundamental, nessa perspectiva, é chamada a repensar-se: não como sistema, mas como discernimento; não como defesa, mas como proposta; não como domínio do sentido, mas como serviço ao sentido.

Essa tarefa de discernimento, contudo, não pode prescindir da dimensão cristológico da Revelação. Em Jean-Luc Marion, o excesso do dom e a saturação do fenômeno encontram sua forma plena no evento pascal: o Crucificado-Ressuscitado é o fenômeno saturado por excelência, aquele que se doa sem reserva e interpela o sujeito na sua passividade. A Revelação cristológico não se reduz a uma figura simbólica, mas manifesta-se como acontecimento que excede toda intenção e toda medida — um fenômeno que não se deixa dominar, mas apenas acolher. O excesso do dom, portanto, não se limita à manifestação gloriosa, mas inclui a *kenosis* da cruz, onde o sentido se dá na forma da vulnerabilidade absoluta.

Em Christoph Theobald, a cristologia emerge como estilo messiânico: é na forma de vida de Jesus, marcada pela hospitalidade radical, pela escuta e pela entrega até a cruz, que a fé encontra sua gramática existencial²⁵. Essa forma de vida não é apenas exemplar, mas reveladora: nela, o dom se torna linguagem, e o mistério se deixa habitar. A Revelação, nesse horizonte, não é apenas abertura ao sentido, mas confissão do Cristo, testemunho do mistério pascal que salva. A teologia fundamental, portanto, não pode renunciar à sua raiz cristológico sem correr o risco de dissolver-se numa hermenêutica antropológica. Como adverte Marco Imperatori, uma teologia que não assume a Revelação como evento salvífico corre o risco de esvaziar o próprio coração do cristianismo, *quasi mysterium paschale non daretur*, ou seja, como se o mistério pascal não tivesse ocorrido nem tivesse transformado radicalmente a história humana²⁶. Essa confissão do Cristo não é apenas intelectual, mas se realiza na celebração litúrgica, onde o mistério pascal é continuamente narrado, acolhido e vivido.

Num tempo marcado pela fragmentação, pela crise da linguagem religiosa e pela busca de autenticidade, essa visão pode oferecer um caminho de renovação: uma fé que se deixa dizer, mas também viver; uma Igreja que se faz espaço do dom; uma teologia que se torna narração hospitaleira do mistério.

Num tempo marcado pelo pluralismo religioso, pela secularização e pela busca espiritual disseminada, a teologia da Revelação não pode limitar-se a reafirmar conteúdos, mas deve tornar-se testemunho vivo. A Revelação, entendida como dom e estilo, convida a Igreja a ser espaço de acolhimento,

²⁵ Theobald, *L'Europe terre de mission*, 429.

²⁶ Mario Imperatori, “*Kerygma e Spirito delle Beatitudini: Dialogo interreligioso in contesto globale*”, *Rassegna di Teologia* 48, n. 2 (2007): 307–15, onde se denuncia uma teologia que, se não estiver enraizada no mistério pascal, corre o risco de se tornar abstrata, autorreferencial e incapaz de gerar uma vida eclesial autêntica; Tanzella-Nitti, *La rivelazione e la sua credibilità. Percorso di Teologia Fondamentale*, 33–92; Salvador Pié Ninot, La teologia fondamentale “Rendere ragione della speranza” (1 Pt 3,15) (Queriniana, 2002), 45 –78; Rino Fisichella, *La rivelazione: evento e credibilità. Saggio di teologia fondamentale* (EDB, 2001), 17–65; Giuseppe Lorizio, *Teologia fondamentale. Linee di metodo e contenuti* (Città Nuova, 2001), 101–145.

de discernimento e de diálogo. Em chave pastoral, isso significa promover comunidades capazes de narrar o Evangelho na vida cotidiana, através de gestos, relações e práticas hospitalares. Em chave ecumênica, essa visão abre à possibilidade de reconhecer a Revelação em ação também para além das fronteiras confessionais: lá onde o Evangelho toma forma, lá onde o dom se torna vida, lá onde o mistério se deixa habitar. A Revelação, nessa perspectiva, não divide, mas convoca; não impõe, mas propõe; não fecha, mas abre.

Contudo, é necessário evitar o risco de reduzir a fé cristã a uma mera prática de acolhimento, elidindo o mandato pascal da *confessio fidei*. Como adverte Joseph Ratzinger, a fé não é uma construção ética ou simbólica, mas resposta ao acontecimento pascal do Cristo crucificado e ressuscitado²⁷. A fé, portanto, não é apenas hospitalidade, mas resposta ao dom pascal que salva, confissão do Crucificado-Ressuscitado, celebração do mistério e testemunho da esperança.

Por isso, é necessário reafirmar que a Revelação cristã não se limita a provocar sentido ou a inspirar estilos de vida: ela é, antes de tudo, anúncio salvífico — *kerygma* — que interpela o sujeito à obediência da fé (Rm 1,5). A fé cristã, nesse horizonte, não é apenas *fides qua* (ato de crer), mas também *fides quae* (conteúdo crido), cujo centro é a pessoa de Jesus Cristo, morto e ressuscitado. A *fides quae* — o conteúdo da fé — não pode ser dissolvido numa hermenêutica antropológica, sob pena de esvaziar o núcleo do cristianismo. Como recorda o Concílio Vaticano II, “Deus quis manifestar-se a si mesmo” (DV, 2), e essa manifestação exige acolhimento, confissão e adesão ao Cristo crucificado e ressuscitado. A Revelação, portanto, não é apenas estilo, mas verdade que salva; não apenas proposta, mas chamado; não apenas linguagem, mas presença.

Nesse horizonte, é legítimo reconhecer que tanto Marion quanto Theobald, embora ofereçam contribuições decisivas, correm o risco — se lidos de forma unívoca — de enfraquecer certos pilares da tradição cristã: Marion, ao acentuar a passividade do sujeito, pode obscurecer a dimensão ativa da fé como resposta livre e responsável; Theobald, ao privilegiar a forma narrativa e relacional, pode relativizar a objetividade da Revelação cristológica. Cabe à teologia fundamental integrar essas intuições com espírito crítico e fidelidade eclesial, mantendo o equilíbrio entre dom e verdade, entre estilo e confissão, entre abertura e identidade.

Em última análise, o diálogo entre Marion e Theobald interpela não apenas a teologia, mas o humano na sua disponibilidade para receber. A Revelação, entendida como evento que excede e estilo que interpela, revela-

²⁷ Joseph Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo* (Loyola, 2005), 47–55. Ver também Joseph Ratzinger, *Teologia da liturgia* (CNBB, 2011), 35–40.

se como espaço antropológico e espiritual, onde o sujeito não é chamado a possuir o sentido, mas a deixar-se habitar por ele. Nesse horizonte, é essencial afirmar que a fé é, antes de tudo, resposta e acolhimento da Revelação. Ela não se dirige a um sistema de verdades abstratas, mas a uma Pessoa viva — o Deus que se revela em Jesus Cristo. A fé nasce do encontro com essa presença que interpela, transforma e redireciona radicalmente a existência. Como afirma o Concílio Vaticano II:

Pela Revelação divina, Deus quis manifestar-se a si mesmo e tornar conhecido o mistério da sua vontade, mediante o qual os homens, por Cristo, Verbo feito carne, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina. (*Dei Verbum*, n. 2)

Portanto, crer não é aderir a um sistema doutrinário fechado, mas acolher uma iniciativa divina que nos precede, nos chama pelo nome e nos convida a viver em comunhão. A fé é relação, é escuta, é disponibilidade para ser transformado pela Palavra que se faz carne e habita entre nós.

Referências bibliográficas

- Balthasar, Hans Urs von. *La gloire et la croix. Les aspects esthétiques de la Révélation. Tome I: Apparition*. Aubier, 1965.
- Bento XVI. “*Verbum domini*: Exortação apostólica pós-sinodal sobre a palavra de deus na vida e na missão da igreja”. Santa Sé, 30 de setembro de 2010. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html.
- Cattorini, Paolo M. “Marion e i fenomeni saturi”. *SettimanaNews*, 2 de julho de 2025. <https://www.settimananews.it/cultura/marion-fenomeni-saturi/>.
- Concílio Vaticano II. “*Dei Verbum*: Constituição dogmática sobre a Revelação divina”. Santa Sé, 18 de novembro de 1965. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html.
- Congar, Yves. *Vraie et fausse réforme dans l’Église*. Cerf, 1950.
- Fisichella, Rino. *La rivelazione: evento e credibilità. Saggio di teologia fondamentale*. EDB, 2001.
- Imperatori, Mario. “Kerygma e Spirito delle Beatitudini: Dialogo interreligioso in contesto globale”. *Rassegna di Teologia* 48, n. 2 (2007): 307–15.
- Latourelle, René. *La rivelazione cristiana*. Queriniana, 1985.

- Lorizio, Giuseppe. *Teologia fondamentale. Linee di metodo e contenuti.* Città Nuova, 2001.
- Marion, Jean-Luc. *Dieu sans l'être.* Fayard, 1982.
- Marion, Jean-Luc. *Étant donné. Essai d'une phénoménologie de la donation.* PUF, 1997.
- Marion, Jean-Luc. *Le phénomène saturé.* Presses Universitaires de France, 1998.
- Marion, Jean-Luc. *Le Visible et le Révélé.* Cerf, 2005.
- Marion, Jean-Luc. *Réduction et donation. Recherches sur Husserl, Heidegger et la phénoménologie.* PUF, 1989.
- Pié Ninot, Salvador. *La teologia fondamentale «Rendere ragione della speranza» (I Pt 3,15).* Queriniana, 2002.
- Rahner, Karl. *Traité fondamental de la foi.* Introduction au concept du christianisme. Cerf, 1970.
- Ratzinger, Joseph. *Introdução ao Cristianismo.* Loyola, 2005.
- Ratzinger, Joseph. *Teologia da liturgia.* CNBB, 2011.
- Ricoeur, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli.* Seuil, 2000.
- Tanzella-Nitti, Giuseppe, org. *La rivelazione e la sua credibilità. Percorso di Teologia Fondamentale.* EDUSC, 2016.
- Theobald, Christoph. *Le christianisme comme style: Une manière de faire de la théologie en postmodernité.* Cerf, 2007.
- Theobald, Christoph. *L'Europe, terre de mission. Vivre et penser la foi dans un espace d'hospitalité messianique.* Cerf, 2019.
- Theobald, Christoph. *Transmettre un Évangile de liberté.* Bayard, 2007.